

ANÁLISE LITERÁRIA DO TEMPO PERFEITO NA PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

  Johnny Silva Oliveira ^{1,*}

  Carlos Gerardo Molina Manzo ²

RESUMO

Este artigo busca algumas propostas e o entendimento de uma possível razão do autor da Primeira Carta de João para o uso abundante do tempo perfeito. O método para a análise consistiu na revisão bibliográfica como fonte de levantamento de teorias e compartilha com o leitor os resultados de outros estudos relacionados ao assunto abordado. O presente trabalho está disposto conforme a estrutura a seguir: a carta (autoria, local de origem, destinatários, propósitos, o Gnosticismo); características religiosas da cidade de Éfeso; características literárias da carta; a linguagem joanina; intencionalidade no discurso; o estudo do tempo perfeito; e análise linguística e literária de algumas ocorrências na epístola. O estudo mostrou que a prodigalidade, em parte, deve-se à forma retórica (espiral) do discurso joanino. O escritor volta quase sempre ao tema inicial, abordando-o novamente, com “palavras-chaves” que se repetem com leves acréscimos teológicos. Há a intencionalidade na escolha do tempo perfeito, o que sugere que o ministério de Cristo produziu efeitos significativos na sua vida, os quais eram perceptíveis até o momento presente da escrita. É notável que João observa as ações, em ambos os aspectos (pontilear e linear), mas geralmente enfatiza os resultados alcançados.

Palavras-chave: Tempo perfeito. Discurso. Intencionalidade.

ABSTRACT

This article seeks some understanding of the proposals and a possible reason the author in his abundant use of the perfect tense in the first letter. The method for this analysis consists of the literature review as a source of raising theories, and share with the reader the results of other studies related to the subject matter covered. This paper is prepared by the following structure: the letter (authorship, place of origin, recipients, purposes, Gnosticism); religious character of the city of Ephesus; literary characteristics of the letter; Johannine language; intentionality in discourse; the study of the perfect time; and linguistic and literary analysis of some occurrences in the epistle. The study showed that profligacy in part is due to the rhetorical form (spiral) of the Johannine discourse. The writer back, almost always, the initial theme addressing it again with “keywords” that are repeated with slight theological additions. There intentionality in choosing the perfect time suggesting that the ministry of Christ produced significant effects on your life, which were perceptible to the present time of writing. It is notable that John observes the actions on both aspects (pontilear and linear), and generally emphasizes the results or the same iteration.

Keywords: Perfect tense. Speech. Intentionality.

¹ Pós-graduando em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT-UNIAENE). E-mail: johnnyoliveira7@yahoo.com.br.

² Doutor em Estudos no Novo Testamento pela University of Pretoria, África do Sul, e em Ministério Pastoral pela Andrews University, Estados Unidos. Atuou como docente no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – SALT/IAENE, Brasil. E-mail: cgmolina@att.net.

Submissão: 07/2022

Aceite: 12/2024

Como citar

OLIVEIRA, J. O.; MANZO, C. G. M. Análise literária do tempo perfeito na primeira carta de João. *Práxis Teológica*, volume 20, número 1, e-1550, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2024v20n1.e1550>.



INTRODUÇÃO

O tempo perfeito grego apresenta diferentes nuances. No seu significado não afetado¹, articula aspectos internos² e externos³ e descreve uma ação concluída em um tempo passado, com efeitos durativos ou resultativos até o momento presente “do escritor”.⁴ Devido a essa riqueza exegetica, normalmente seu uso denota um ato intencional com o objetivo de desenvolver um conceito mais amplo sobre determinado evento. Conforme destaca Wallace (2009), os usos do tempo perfeito dividem-se em três grupos principais: normativo, colapsado e especializado. Em relação à ênfase aspectual, apresenta sete variações: intensivo, extensivo, aorístico, força presente, gnômico, proléptico e alegórico⁵.

Após uma leitura atenta do texto grego do Novo Testamento, é possível constatar que os escritos de João, principalmente a Primeira Carta, têm um percentual de ocorrências desse aspecto verbal acima da média em relação a todos os outros escritores. O panorama da Epístola é o seguinte: dos 105 versos, o autor usa o tempo perfeito em uma média de 46,7%. Levando-se em consideração todos os verbos, em todos os tempos na carta, o perfeito representa cerca de 16% de todas as ocorrências, uma média acima dos demais escritores no Novo Testamento⁶.

Diante dessas peculiaridades, algumas indagações tornam-se necessárias: há alguma intencionalidade no argumento de João quando ele utiliza, em grande número, o tempo perfeito em sua Primeira Epístola? Essa forma de discurso esclarece algum detalhe em sua teologia? Quais são as implicações desse elemento discursivo na paternidade literária dos demais escritos? Estes questionamentos serão abordados ao longo deste artigo.

Tendo em vista as poucas ocorrências desse tempo verbal nos escritos do Novo Testamento⁷, a presente pesquisa justifica-se na necessidade de uma compreensão mais profunda acerca do estilo literário do escritor da Primeira Epístola de João e sua forma de argumentação. Vale ressaltar ainda que há pouca literatura elaborada nessa perspectiva. Portanto, os resultados desta pesquisa trazem esclarecimentos acerca da teologia joanina nessa carta, bem como o uso desse tempo verbal nos seus demais escritos.

Este trabalho tem como objetivo a compreensão acerca da grande quantidade de ocorrências do tempo perfeito na argumentação de João⁸. Trata-se de uma investigação teológica descritiva, que lançou mão tanto de recursos narrativos bibliográficos (literatura secundária) que compartilha com o leitor o resultado de outros estudos relacionados ao assunto abordado e amplia outros feitos

¹ “Por significado não-afetado chamamos a construção à parte das intrusões contextuais, lexicais, ou outras interferências gramaticais” (WALLACE, 2009, p. 497).

² Apresenta-se como estado contínuo da ação (WALLACE, 2009, p. 497).

³ A ação é vista como sumária (WALLACE, 2009, p. 497).

⁴ Com as interferências gramaticais do texto, o autor, em alguns momentos, pode dar ênfases em aspectos diferentes.

⁵ Esses aspectos serão abordados posteriormente.

⁶ Disponível em *Software Bible Works 9*.

⁷ A estatística específica de cada tempo é a seguinte: “Presente (11.583); Aoristo (11.606); Imperfeito (1.682); Futuro (1.623); Perfeito (1571); Mais-que-Perfeito (86)” (WALLACE, 2009, p. 2).

⁸ Todas as ocorrências no tempo perfeito no modo indicativo na Epístola: 1:1, 2, 3, 5, 10; 2:3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 29; 3:1, 2, 5, 6, 9, 14, 15, 16; 4:1, 3, 4, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 20; 5:1, 9, 10, 15, 18, 19, 20.

anteriormente⁹, como feita em uma abordagem exegética (leitura primária do texto bíblico), tal como em outros estudos (SOUZA et al., 2020). Para isso, foram adotados os seguintes passos: análise literária da carta; verificação da postura de intencionalidade no discurso com o uso do tempo perfeito; exegese de algumas ocorrências desse tempo verbal; identificação do conteúdo expresso por meio desse “estilo” de argumentação; e definição das implicações desse elemento textual na paternidade literária dos demais escritos joaninos. Devido à concisão aqui proposta, esse fenômeno foi analisado somente no modo indicativo.

A CARTA

Autoria

A introdução da Primeira Epístola de João começa de forma incomum. Primeiro, porque não existe nenhuma identificação do autor, e, segundo, porque não há elementos claros acerca do público-alvo. Por esse motivo, alguns estudiosos encontram nessas características motivos para não atribuir ao apóstolo João a paternidade literária da mesma. Há um consenso, por pouco unânime, mediante evidências tanto internas quanto externas, de que o apóstolo João é o autor. O vocabulário, o estilo, o pensamento e o escopo apontam, com fortes sinais, que o evangelho e as cartas são da mesma autoria, ainda que seu nome não apareça (LOPES, 2010). Stott e Olivetti (1982) também argumentam que, mesmo diante de uma leitura superficial do Evangelho e da Primeira Epístola, revelam-se alguns paralelos entre ambos, tanto no conteúdo quanto na sintaxe.

Evidências internas

Embora não haja elementos claros, a ponto de afirmarmos categoricamente a autoria joanina, algumas evidências nos conduzem a crer nessa direção. Os assuntos abordados nos escritos apresentam certa similaridade, e o autor deles tem uma predisposição por ideias contrastantes como: luz e trevas; vida e morte; amor e ódio; verdade e falsidade; filhos de Deus ou filhos do Diabo; são do mundo ou não são; têm vida ou não têm; conheceram a Deus ou não conheceram (STOTT; OLIVETTI, 1982). Considerando-se o vocabulário e o estilo, as três epístolas podem ser atribuídas a um único escritor, que também é o mesmo do Quarto Evangelho. É perceptível que a introdução da Primeira Epístola sumariza as mesmas ideias do prólogo do Quarto Evangelho (TENNEY, WHITE, 1962).

Alguns paralelos são encontrados entre a Primeira Carta de João e o Quarto Evangelho na ótica de Stott e Olivetti (1982, p. 16):

O homem no estado natural, não redimido é “do Diabo” que peca, mente e mata “desde o princípio” (1 João 3:18; João 8:44), como “do mundo” (2:16, 4:5; 8:23,

⁹ Ver: CRESWELL, 2010, p. 51, citado por COOPER, 1984; MARSHALL; ROSSMAN, 2006).

15:19). Praticamos e cometemos o pecado (3:4; 8:34) e o temos (1:8; 9:41), andamos “nas trevas” (1:6, 2:11; 8:12, 12:35). Deus nos amou e enviou Seu Filho para ser o Salvador do mundo (4:14, 4:42), Este é seu Filho Unigênito (4:9; 1:14, 18, 3:16, 18), “desde o princípio” (1:1; 1:1), tornou-se ou veio em “carne” (4:2; 1:14) e “deu Sua vida por nós” (3:16; 10:11-18), a fim de “tirar” o pecado (3:5; 1:29). O têm visto e por isso “testemunharam” (1:2, 3, 4:14; 1:34, 9:35) [...].

Evidências externas

Algumas evidências nos escritos dos pais apostólicos têm lançado luz sobre a autoria das três cartas consideradas “joaninas”. Dentre outros fragmentos textuais, é afirmado que elas estão presentes nos manuscritos gregos mais antigos (a Primeira Epístola encontra-se, também, nas versões mais antigas da Igreja do Oriente). Além disso, há ainda referências de Policarpo de Esmirna na sua carta aos Filipenses, e o Cânon de Muratori também possui duas passagens dela (STOTT; OLIVETTI, 1982). As evidências externas e internas justificam com clareza a classificação de Eusébio, que coloca a Primeira Epístola de João entre as universalmente recebidas (ἐν ὁμολογουμένοις) (SPENCE, 1913).

Local de origem

Conquanto não apareça nenhuma referência clara interna e externamente, há possibilidades plausíveis de que Éfeso tenha sido o local de onde veio esse escrito. Independentemente de termos uma autoria apostólica ou de uma escola joanina, a origem mais razoável é Éfeso. Há evidências de que João, filho de Zebedeu, mudou-se para Éfeso na época da Guerra Judaica, onde acabou morrendo. Embora esse argumento não conclua a discussão, apresenta coerência (CARSON, 2000).

Destinatários

Há uma interrogação acerca da audiência do escritor dessa epístola. Esse questionamento aparece porque não há em nenhum lugar do escrito a menção de um destinatário, pessoa e saudação, elementos comumente encontrados noutras epístolas. Contudo, a ausência de elementos não impede de se identificar, a partir da dedução, a audiência. Carson (1997) afirma que as epístolas provavelmente foram enviadas às igrejas asiáticas que estavam em Éfeso, inclusive às sete igrejas mencionadas no livro do Apocalipse.

Propósitos da carta

A escrita da carta dá-se com base em várias motivações. Carson (1997) entende que João está combatendo um Protognosticismo, um Docetismo ou Cerintianismo embrionário que já causou divisões entre cristãos. Mas, por fim, afirma que o erro específico era uma forma precoce de Gnosticismo, uma heresia que se constituiu no inimigo mais perigoso da Igreja até finais do século

II. Tognini e Bentes (2009) seguem o mesmo raciocínio e comentam que o grande problema enfrentado por João em Éfeso fora realmente o Gnosticismo, um tipo de filosofia oriunda do Oriente, somada às ideias platônicas. O Evangelho fora escrito para despertar a fé, ao passo que a Epístola tinha o objetivo de estabelecer a certeza naquilo que criam (TENNEY, WHITE, 1972).

O gnosticismo

Dentro dos limites de uma leitura cuidadosa acerca da origem do Gnosticismo, é perceptível a difícil tarefa de conceituá-lo. As opiniões são divididas basicamente entre duas escolas de pensamento: uma delas representada pela escola composta por eruditos britânicos, e a outra, por eruditos alemães. A primeira restringe o termo *Gnosticismo* às heresias cristãs, e a segunda, por sua vez, amplia a definição, incluindo outros elementos de grupos religiosos (DOUGLAS, 2000).

Para Lockward (2003), foi um movimento filosófico e religioso do século II d.C. que teve sua formação básica ainda no primeiro século da era cristã e que posteriormente teve as ideias rejeitadas e combatidas pelos apóstolos Paulo e João em seus escritos. Freedman (1996, p. 2:1024) também afirma que:

O conhecimento (gnōsis) dessas conexões cosmológicas e antropológicas era, naturalmente, um conhecimento especial e sobrenatural que foi mediado para os gnósticos (os “conhecedores”) através da revelação especial. Esta revelação foi disponibilizada através de vários mensageiros, que agiam sob as instruções do mais alto Deus [...] Os gnósticos entenderam ser a elite, “povo escolhido”, que, em distinção do “mundano”, foram capazes de perceber a delicada conexão entre o mundo (cosmologia), a humanidade (antropologia) e salvação (soteriologia). O objetivo do ensino gnóstico era que, com a ajuda de insight (gnōsis), o eleito pudesse ser libertado dos grilhões deste mundo (espírito da matéria, a luz das trevas) e assim retornar ao seu verdadeiro lar no Reino da Luz, [...] Não é uma questão de libertação do pecado e da culpa, como na ortodoxia, mas da libertação do espírito da matéria, em particular, o corpo humano material.

Champlin (2002) assevera que um indivíduo por nome Cerinto, também contemporâneo de João, era membro da seita gnóstica e, conseqüentemente, cria que Jesus fora apenas um filho “natural” de José e que havia sido revestido de poder pela descida temporária de uma emanção. Esse fenômeno teria ocorrido por ocasião do seu batismo e perdurou somente até a crucifixão. No Evangelho, a ênfase era na defesa da divindade do Filho de Deus, ao passo que na Primeira Epístola estava sobre sua humanidade.

Algumas premissas sustentam o sistema filosófico gnóstico: o homem é salvo por um conhecimento especial recebido por revelação, o qual era secreto, concedido apenas a alguns privilegiados. Eles interpretavam as Escrituras do Antigo Testamento alegoricamente e consideravam uma obra do “Demiurgo”, um deus menor, que criou o céu e a terra. O Deus maior era um “ser” distante de toda a matéria, pois esta se constitui essencialmente má. O homem é visto de forma dual, em que uma parte é pneumática, que quer regressar ao “aeon”, e a outra, carnal, que aprisiona a primeira nessa terra. O ascetismo fora muito valorizado entre eles, contudo alguns, por considerarem

a “imaculação” no contato com a matéria, viviam depravadamente (LOCKWARD, 2003).

CARACTERÍSTICAS RELIGIOSAS DA CIDADE DE ÉFESO

Éfeso localizava-se na costa ocidental da Ásia Menor, situada no encontro das vias comerciais. Não muito diferente de outras cidades daquela região, possuía um sistema elaborado de culto à “divindade”. Monloubou (2003) comenta que os efésios adoravam uma deusa por nome de Ártemis, uma vez que as regiões da Palestina e Sílicia lhe prestavam culto. Tipicamente, apresentava uma mulher com vários seios, adornada por uma vestimenta que tinha a representação dos seres da terra, do mar e do céu. Eles também apreciavam as ciências ocultas.

CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DA CARTA

Ao se deparar com o texto, percebe-se um vocabulário simples, que pode conduzir o leitor desatento a uma conclusão equivocada acerca da epístola. Porém, quando mais bem analisado, o texto simples esconde uma grande profundidade teológica. “Se existe um documento no NT que desafie os intérpretes a encontrarem uma estrutura clara em seu corpo, com certeza é a 1 João. A epístola parece repisar o mesmo chão repetidas vezes, com variações interessantes, e consiste em seções curtas e inteligíveis em si mesmas” (MARSHAL, 2010, p. 460).

Para Schreiner e Dautzengbert (2008, p. 359), “na Primeira Epístola de João (como nos discursos de Jesus, no quarto evangelho) a sucessão das ideias se processa de um modo, por assim dizer, circular. [...] O autor parte de poucos conceitos, que retornam constantemente”. Esse estilo literário pode explicar, em parte, o fator numérico do uso do tempo verbal aqui tratado. Qual seria, então, a origem dessa forma de argumentação?

A LINGUAGEM JOANINA NA PRIMEIRA CARTA

Até o presente momento há um debate entre os teólogos acerca da forma discursiva do apóstolo João. A questão sinótica é uma prova disso, e essa característica permeia todos os seus escritos. Não nos deteremos aqui na busca das raízes linguísticas do escritor, cabendo analisar somente o fenômeno na carta. Sobre o pensamento joanino, Kummel, Schneider e Fuchs (2003, p. 342) afirmam:

É difícil de constatar, exatamente, onde é a pátria histórico-religiosa da linguagem característica de João, uma vez que, nem o Antigo Testamento, nem o judaísmo palestinese-rabínico, podem explicar mais do que algumas expressões ou concepções isoladas. [...] Não há paralelo para o pensamento característico.

É evidente que o conteúdo do Evangelho e da Primeira Epístola apresenta características próprias para cada gênero, mas o estilo gramatical no uso do tempo perfeito permanece uma marca

nesses escritos¹⁰. Enslin (1936, p. 122) observa que “este carinho pelo perfeito que está em tal contraste marcante com os outros escritores do Novo Testamento é um argumento de peso, juntamente com outros de autoria comum”.

Sem considerar a origem dessa forma discursiva, as evidências do texto conduzem ao entendimento de que o apóstolo tivera uma impressão muito forte dos ensinamentos de Cristo em sua vida. “Assim, a preferência de João para o perfeito, quando os outros evangelistas estavam mais inclinados ao aoristo, é devido a sua convicção da imortal e permanente natureza do ministério” (ENSLIN, 1936, p. 126).

INTENCIONALIDADE X NÃO INTENCIONALIDADE NO DISCURSO

Há o reconhecimento de que as palavras não podem determinar o significado de uma perícope sem o auxílio do contexto mais amplo. Contudo, também é fato que não se constrói um discurso sem o auxílio de palavras que possam expressar a ideia a ser transmitida. Emerge, assim, um questionamento: esta “prodigalidade” de João no uso do tempo perfeito é intencional ou não? Comentando sobre o ato linguístico na argumentação, Koch e Travaglia (2008, p. 17) afirmam:

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem constantemente avalia, julga, critica, isto é, forma juízo de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. O ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia. “A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia”.

Acompanhando Koch e Travaglia nesse posicionamento, Mounce (2009, p. 270) afirma que “[...] O tempo perfeito é um dos tempos verbais mais interessantes [...] frequentemente usado para expressar grandes verdades teológicas”. Wallace (2009, p. 573) afirma, também, que há intencionalidade na escolha do tempo verbal: “O perfeito é usado menos que o presente, aoristo, futuro ou imperfeito. Quando usado, porém, normalmente, há uma escolha deliberada por parte do

¹⁰ O tempo perfeito (modo indicativo) ocorre 60 vezes na epístola. Nessas ocorrências, o autor utiliza 19 raízes verbais, das quais 15 são encontradas no Quarto Evangelho. Veja os paralelos verbais a seguir: ἀκούω. Jo:4:42; 5:37; 1Jo:1:1, 3, 5; 4:3. ὁπάω. Jo:1:18, 34; 3:11, 32; 5:37; 6:36, 46; 8:38, 57; 9:37; 14:7, 9; 15:24; 20:18, 25, 29. 1Jo 1:1, 2, 3; 3:6; 4:20. γινώσκω. Jo. 5:42; 6:69; 8:52, 55; 14:7, 9; 17:7. 1Jo 2:3, 4, 13, 14; 3:6, 16; 4:14. οἶδα Jo 1:26; 3:2, 8, 11; 4:22, 25, 32, 42; 5:32; 6:42; 7:15, 27, 28, 29; 8:14, 19, 37, 55; 9:12, 20, 21, 24, 25, 29, 30, 31; 10:4, 5; 11:24, 49; 12:35, 50; 13:7, 17, 18; 14:4, 5; 15:15; 16:18, 30; 18:21; 19:10, 35; 20:2, 13; 21:15, 16, 17, 24. 1Jo. 2:11, 21; 3:2, 5, 14, 15; 5:15, 18, 19, 20. ἀφίημι Jo 20:23. 1Jo 2:12. νικάω Jo. 16:33. 1Jo 2:13, 14; 4:4. γίνομαι Jo 1:3, 15, 30; 5:14; 6:25; 12:30; 14:22. 1Jo 2:18; γεννάω Jo 8:41; 18; 37. 1Jo 2:29; 3:9; 4:7; 5:1. δίδωμι Jo 3:35; 5:22, 36; 6:32, 39; 7:19, 22; 10:29; 12:49; 17:2, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 22, 24; 18:9, 11. 1Jo 3:1, 4; 13; 5:20. μεταβαίνω Jo 5:24. 1Jo 3:14. ἀποστέλλω Jo 5:33, 36; 20:21. 1Jo 4:9, 14. θεάομαι Jo 1:32. 1Jo 4:2, 14. μαρτυρέω Jo 1:34; 3:26; 5:33, 37; 19:35. 1Jo 5:9, 10. ποιέω Jo 13:12. 1Jo 5:10. πιστεύω Jo 3:18; 6:19; 11:27; 20:29. 1Jo 4:16; 5:10.

escritor”.

Diante desses pressupostos, há evidências de que nenhum discurso é neutro e que o escritor faz, intencionalmente, a escolha do tempo perfeito para expressar aspectos de sua teologia. Antes da análise das ocorrências textuais da Primeira Carta de João, convém aclarar as nuances desse aspecto verbal.

O ESTUDO DO TEMPO PERFEITO

Definição do tempo

O perfeito é um tempo verbal grego que não encontra correspondente exato no português. Sua utilização não é muito frequente no texto do Novo Testamento, por isso sua compreensão é muito importante para entendermos o significado correto das passagens onde ele se encontra. O emprego do tempo perfeito se divide em três grupos principais: normativo, colapsado e especializado. O uso *normativo* envolve os aspectos externo e interno, mas com ênfase ligeiramente diferente. Já o perfeito *colapsado* suprime tanto o aspecto interno quanto o externo, por causa da interferência contextual e lexical, e o perfeito *especializado* é difícil de ser encontrado (WALLACE, 2009). Dana (1984) considera que a ênfase recebe interferências do contexto e da raiz verbal. Ora pode estar na ação completa, ora nos resultados.

Perfeito intensivo

Conforme comenta Wallace (2009, p. 574), “o perfeito intensivo pode ser usado para *ênfatizar* os resultados ou o estado presente produzido por uma ação passada. [...] (grifo nosso). Esse tempo não exclui a noção de um ato completo. Pelo contrário, focaliza o estado resultante”. Dana (1984) também compartilha essa ideia, por isso afirma que essa nuance está de acordo com o significado básico de enfatizar os resultados.

O perfeito extensivo

O perfeito extensivo (consumativo) é utilizado para dar destaque ao ato completo de um evento passado ou ao processo a partir do qual um estado presente emerge. A ênfase está no evento completo, em lugar dos resultados presentes. Contudo, isso não significa que a outra parte de seu aspecto foi excluída, mas simplesmente não recebeu ênfase (WALLACE, 2009).

Perfeito aorístico

Wallace (2009, p. 578) observa que “o indicativo perfeito raramente é usado de forma retórica

para descrever um evento de modo preciso quanto à sua vividez. Ele é usado como um simples passado sem se preocupar com consequências presentes”.

Perfeito com força presente

Alguns verbos ocorrem mais frequentemente no tempo perfeito sem a preocupação com aspectos. Estes são usados como qualquer outro verbo no presente. οἶδα é o comumente usado nessa categoria, mas também outros parecem ser usados assim (ἔστηκα, πέποιθα, μεμύημαι), nesses verbos, pouco se distingue entre o ato e seus resultados (WALLACE, 2009).

Perfeito gnômico

Esse aspecto sugere uma ocorrência genérica ou proverbial na qual os efeitos podem ser pressentidos em muitas ocasiões ou por muitos indivíduos (WALLACE, 2009).

Perfeito proléptico

De acordo com Wallace (2009, p. 574), o perfeito proléptico é usado “para expressar o estado resultante de uma ação antecedente futura em relação ao momento da fala [...] esse uso é raro”.

Depois dessas considerações, temos subsídios para analisar algumas ocorrências verbais na carta.

ANÁLISE LINGUÍSTICA E LITERÁRIA DE ALGUMAS OCORRÊNCIAS NA EPÍSTOLA

Perfeito intensivo (consecutivo)

Seguem abaixo alguns exemplos de ocorrências com a ênfase nos resultados (ou estado) de uma ação completa num tempo passado.

“Ὁ ἦν ἀπ’ ἀρχῆς, ὁ ἀκηκόαμεν, ὁ ἐωράκαμεν τοῖς ὀφθαλμοῖς ἡμῶν, ὁ ἐθεασάμεθα καὶ αἱ χεῖρες ἡμῶν ἐψηλάφησαν περὶ τοῦ λόγου τῆς ζωῆς (1Jo 1:1 BNT, grifo nosso) – “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida” (1Jo 1:1 ARA, grifo nosso).

O autor da Primeira Carta de João é alguém que está interessado em transmitir uma mensagem emitida pelo λόγου τῆς ζωῆς. O teor dessa proclamação corrobora nos seguintes aspectos: crescimento em comunhão recíproca (ἵνα καὶ ὑμεῖς κοινωνίαν ἔχητε μεθ’ ἡμῶν (1:3), a fim de que a alegria entre eles (João e sua audiência) fosse plena (ἵνα ἡ χαρὰ ἡμῶν ᾗ πεπληρωμένη (1:4), longe de

uma vida marcada pelo pecado (γράφω ὑμῖν ἵνα μὴ ἀμάρτητε (2:1); e ter a certeza da salvação presente (ἵνα εἰδῆτε ὅτι ζωὴν ἔχετε αἰώνιον). Assim, como artifício para legitimar e autenticar o seu testemunho, o escritor apresenta no texto (ver 1:1, 3, 5) as prerrogativas de quem “ouviu e viu” (ἀκούω, ὁράω)¹¹, e por esse motivo o seu testemunho é verdadeiro.

Conforme comentam Brown e Coenen (2000, p. 2592), “os verbos ver e contemplar em grego têm significado religioso e filosófico, porque a religião grega, como a da antiguidade em geral, era uma religião de ‘ver’. Em contraste com o judaísmo, o papel de escutar é subordinado a ‘aquele de ver’”. Aqui percebemos, no entanto, que o autor combinou ambos os aspectos e fez o uso do tempo perfeito nos versos 1 e 3 do mesmo capítulo para denotar um efeito de continuidade sobre o sujeito da ação (HANNA, 1993). Vincent (2002) argumenta que os dois verbos estão no tempo perfeito, denotando um estado de permanência dos efeitos do ouvir e do ver. “Estes verbos estão no tempo perfeito e indicam um permanente resultado de uma ação passada” (PFEIFFER; HARRISON, 1962).

Esses testemunhos evidenciam que a vida de Cristo, seus discursos e jeito de ser deixavam marcas indeléveis impressas nas mentes de seus ouvintes (WUEST, 1997). É possível que, aos ouvidos de João, a voz do Mestre ainda soasse como nos dias em que o acompanhava em seu ministério terrestre. Uma repetição retórica nos versos 1-2 foi usada propositalmente para dar ênfase e recapitular tudo o que previamente havia dito. Nichol (1990) menciona que o destaque, por parte de autor, no conhecimento pessoal de Jesus tinha como objetivo combater as ideias de que o λόγος era apenas uma manifestação espiritual.

Καὶ ἡμεῖς ἐγνώκαμεν καὶ πεπιστεύκαμεν τὴν ἀγάπην ἣν ἔχει ὁ θεὸς ἐν ἡμῖν. Ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν, καὶ ὁ μένων ἐν τῇ ἀγάπῃ ἐν τῷ θεῷ μένει καὶ ὁ θεὸς ἐν αὐτῷ μένει. (1Jo 4:16 BNT, grifo nosso) – “E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele” (1Jo 4:16 ARA, grifo nosso).

O verbo γινώσκω ocorre percentualmente, em maioria, nos escritos joaninos. Somente na Primeira Epístola, o autor o utiliza cerca de 25 vezes, das quais oito no tempo perfeito¹². Diferentemente da visão gnóstica, o uso dessa palavra nos escritos joaninos denota comunhão pessoal com Deus ou Cristo. A relação entre o Pai e o Filho é baseada no conhecimento mútuo “Καθὼς γινώσκει με ὁ πατήρ καὶ γὰρ γινώσκω τὸν πατέρα” (Joh 10:1). Isso também ocorre entre o Mestre e seus discípulos “Εγὼ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς καὶ γινώσκω τὰ ἐμὰ καὶ γινώσκουσί με τὰ ἐμὰ” (Joh 10:14 BNT). O fruto desse conhecimento é a guarda dos mandamentos “Καὶ ἐν τούτῳ γινώσκομεν ὅτι ἐγνώκαμεν αὐτόν, ἐὰν τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ τηρῶμεν” (1Jo 2:3 BNT).

Conforme observa Smalley (2002), comumente esse verbo é usado para denotar uma compreensão inteligente. Ele ressalta a compreensão, em lugar da percepção sensorial, e vai muito além de uma opinião sobre as coisas.

Esses verbos (ἐγνώκαμεν καὶ πεπιστεύκαμεν) – o segundo reforça o primeiro – foram utilizados pelo autor no tempo perfeito indicando uma ação no passado e que tem efeitos que perduram no presente. Nesse verso especificamente, João considera que os cristãos sinceros podem

¹¹ O verbo ὁράω ocorre 9 vezes em toda a carta, das quais 6 são no perfeito indicativo: 1:1, 2, 3; 3:6; 4:20 (2 vezes). As demais ocorrências nos demais tempos são estas: 3:1, 2; 5:16. O verbo ἀκούω aparece 14 vezes, das quais 4 no perfeito indicativo: 1:1, 3, 5; 4:3. As demais ocorrências nos outros tempos são as seguintes: 2: 7,18, 24, 31; 3:11; 4:5, 6; 5:14, 15.

¹² 1João 2:3, 4, 13, 14; 3:6:, 16; 4:16.

ter convicção acerca do amor de Deus e confiar nEle, pois fizeram prova dEle pessoalmente. Isso implica uma experiência anterior com efeitos persistentes (SMALLEY, 2002).

Γράφω ὑμῖν, πατέρες, ὅτι ἐγνώκατε τὸν ἀπ' ἀρχῆς. γράφω ὑμῖν, νεανίσκοι, ὅτι νενικήκατε τὸν πονηρὸν (1Jo 2:13 BNT, grifo nosso) – “Pais, eu vos escrevo, porque conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevo, porque *tendes vencido* o Maligno” (1Jo 2:13 ARA, grifo nosso).

O verbo νικάω aparece 28 vezes, em todos os tempos, no Novo Testamento, e quase “exclusivamente” nos escritos de João¹³. Harris III (2003) comenta que o autor se refere não apenas a uma vitória decisiva no passado sobre os adversários, mas que os resultados dessa vitória continuam no presente. Smalley (2002) confirma esse argumento e menciona que o tempo perfeito, nesse contexto, sugere não somente uma vitória já realizada, mas que seus resultados permanecem até o presente momento “do escritor”. Isso indica que a vitória não foi uma fase passageira, mas decisiva e constante, e foi alcançada porque o que estava na vida deles era superior ao que estava reinando no mundo (CARSON, REDONDO, 2004). “‘Vocês já venceram o maligno’ [...] refere-se a algo que aconteceu no passado, e é um fato no presente. Mas João e seus leitores estão plenamente conscientes de que a sua própria luta com o mal ainda está em curso” (HAAS; DE JONGE; SWELLENGREBEL, 1994, p. 53, tradução nossa).

Ἐὰν εἰδῆτε ὅτι δίκαιός ἐστιν, γινώσκετε ὅτι καὶ πᾶς ὁ ποιῶν τὴν δικαιοσύνην ἐξ αὐτοῦ γεγέννηται (1Jo 2:29 BNT, grifo nosso) – “Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça *é nascido dele*” (1Jo 2:29 ARA, grifo nosso).

O tema *nascimento* é comum nos escritos joaninos, e uma das formas de saber se uma pessoa nasceu novamente é observando seus frutos. Sobre o uso dessa palavra no corpus joanino, Kittel, Friedrich e Bromiley (1998, p. 115) afirmam:

João sempre dá a Deus o ponto de origem de γεγέννηται em: 1 Jo 2:29; Jo. 1:13, o Espírito em Jo. 3:5, em água Jo. 3: 5, a carne em Jo. 3: 6, a vontade em Jo 1:13. A semente de 1Jo 3:9 é o Espírito e não a palavra. O nascimento de Deus ou o Espírito é uma realidade, mas também um mistério. Declarações sobre o assunto não são baseadas em experiência, mas são feitas com fé e são verdadeiras em virtude da comunhão do crente com Deus (1 Jo 1: 3, 6; 3: 9). Este nascimento resulta em praticar a justiça (1 Jo 2:29.), em não pecar (3:7ss), no amor (4:7), na vitória sobre o mundo (5:4), na fé em Jesus como o Cristo (5:1). O nascimento de cima pertence primeiro a si mesmo (5:18) Jesus e, em seguida, para os crentes que, como membros do novo aeon, têm uma parte no Espírito e são, portanto, unidos a Cristo, passando da morte para a vida (3:14; 5: 24). Este conceito de Semente divina tem pouco em comum com o que pode ser encontrado nos mistérios; o ponto de vista de piedade é totalmente diferente.

As ocorrências de γεγέννηται nessa epístola apontam não somente ao ato de conversão genuína de uma pessoa ao cristianismo, mas também aos resultados contínuos dessa transformação (SMALLEY, 2002). O apóstolo Paulo também corrobora essa posição: “E, assim, se alguém está em

¹³Apocalipse. 2:7, 11, 26; 3:5, 12, 21; 5:5; 6:2; 11:7; 12:11; 13:7; 15:12, 17:14; 21:7. 1 João 2:13, 14; 4:4; 5:4; 5:5. Romanos 3:4; 12:21. João 16:33. Lucas 11:22.

Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5:17 ARA). Essa vida restaurada produzirá o “fruto do Espírito” (Gl 5:22) dando evidência de que está conectado à “videira verdadeira” (Jo 15:2).

Perfeito extensivo (consumativo)

Ἐὰν εἴπωμεν ὅτι οὐχ ἡμαρτήκαμεν, ψεύστην ποιῶμεν αὐτὸν καὶ ὁ λόγος αὐτοῦ οὐκ ἔστιν ἐν ἡμῖν (1Jo 1:10 BNT, grifo nosso) – “Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós” (1Jo 1:10 ARA, grifo nosso).

Quanto à pecaminosidade da raça humana, a Bíblia é enfática em nos colocar sob a condenação da morte, como um ato histórico¹⁴. O contexto geral das Escrituras corrobora a possibilidade de que João, em sua carta, esteja se referindo ao pecado como um evento histórico na natureza humana, portanto um evento completo. É claro que com esse posicionamento ele não está retirando a possibilidade de resultados, mas, apenas uma ênfase no ato completo. Dessa forma, o uso do perfeito assemelha-se ao aoristo.

Perfeito com força presente

Segue abaixo um exemplo de ocorrência em que o tempo perfeito é usado como um simples presente.

ο δὲ μισῶν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ἐν τῇ σκοτίᾳ ἐστὶν καὶ ἐν τῇ σκοτίᾳ περιπατεῖ καὶ οὐκ οἶδεν ποῦ ὑπάγει, ὅτι ἡ σκοτία ἐτύφλωσεν τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ (1Jo 2:11 BNT, grifo nosso) – “Aquele, porém, que odeia a seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não ‘sabe’ para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos” (1Jo 2:11 ARA, grifo nosso).

οἶδα é o verbo mais comumente usado nessa categoria e representa cerca de um quarto de todos os perfeitos no Novo Testamento¹⁵. “Aqui o ato desliza sobre os resultados. O resultado de procurar conhecimento é aprender. São perfeitos consecutivos de um ato, que em si, já ocorreu” (WALLACE, 2009, p. 574).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pouco provável que o uso do perfeito, pelo autor da Primeira Epístola de João, tenha sido um “acidente”. Há mais plausibilidade na perspectiva de que foi fruto de uma avaliação criteriosa, intencional e deliberada.

Uma das causas da “prodigalidade” de verbos no tempo perfeito dá-se pela “circularidade” do pensamento joanino. Ele trata um assunto e, mais adiante, retorna ao mesmo tema para abordá-lo novamente, é claro, com leves alterações. Desse modo, surgem as repetições, não somente das

¹⁴ Ver Romanos 5:12.

¹⁵ Ocorrências do verbo na Primeira Carta de João: 2:11, 20, 21; 3:2, 5, 14; 3:15; 5:15, 18, 19, 20.

palavras, mas também dos tempos verbais. Essa característica também pode ser vista no Quarto Evangelho, o que sugere a paternidade literária de ambos.

Na análise dos seus escritos, há forte impressão de que o efeito das ações de seu Mestre era tão vívido e permanente, como quando ocorreu a ação descrita. O seu discurso aponta para uma dimensão mais profunda acerca da influência da obra de Cristo. Para ele, os acontecimentos no ministério de Jesus produziram efeitos significativos em sua vida, os quais eram notórios até o momento presente. É notável que o escritor observa as ações em ambos os aspectos (pontilear e linear), mas geralmente enfatiza os resultados.

Assim, percebe-se a limitação deste trabalho para esclarecer tamanha complexidade. Nem todas as ocorrências do tempo perfeito na Primeira Carta de João sugerem a ênfase nos resultados presentes. Cabe, portanto, ao amante das Sagradas Escrituras interpretar as ocorrências textuais mediante o contexto geral e específico. Os achados desta pesquisa servem, apenas, como base para maiores descobertas acerca do assunto.

REFERÊNCIAS

BIBLEWORKS, LLC. Software, Version 9. 2011.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CARSON, D. A.; REDONDO, Marcio L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

CARSON, D. A. *et al.* **Nuevo comentario biblico: siglo veintiuno (1 Jn 4:4)**. Miami: Sociedades Bíblicas Unidas, 2000.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DANA, E. H. **Gramatica griega del Nuevo Testamento**. 3. ed. rev. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1984.

DOUGLAS, James Dixon. **Nuevo diccionario biblico**. Miami: Sociedades Bíblicas Unidas, 2000.

ENSLIN, Morton Scott. The perfect tense in the fourth Gospel. **Journal of Biblical Literature**, v. 55, n. 2, p. 121-131, 1936.

FREEDMAN, David Noel. **The Anchor Yale Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1996.

- HAAS, C.; DE JONGE, M.; SWELLENGREBEL, J. L. **A handbook on the letters of John**. New York: United Bible Societies, 1994. (UBS handbook Series; Helps for translators).
- HANNA, Roberto. **Ayuda Gramatical Para El Estudio Del Nuevo Testamento Griego**. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1993.
- HARRIS III, W. Hall. **1, 2, 3 John – Comfort and Counsel for a Church in Crisis**. Dallas: Biblical Studies Press, 2003.
- KITTEL, Gerhard.; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. **Theological dictionary of the New Testament**. Translation of Theologisches Worterbuch zum Neuen Testament. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1995.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2008.
- KUMMEL, Werner Georg; SCHNEIDER, Silvio; FUCHS, Werner. **Síntese teológica do Novo Testamento**. 4. ed. São Paulo: Teológica, 2003.
- LIBRONIX, Digital Library, System 3.0.
- LOCKWARD, Alfonso. **Nuevo diccionario de la Biblia**. Miami: Editorial Unilit, 2003.
- LOPES, Hernandes Dias. **1, 2, 3 João: como ter garantia da salvação**. São Paulo: Hagnos, 2010.
- MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. **Designing qualitative research**. 4th ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2006.
- MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F. M. **Dicionário bíblico universal**. Tradução de Gentil Titton *et al.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MOUNCE, D. Willian. **Fundamentos do grego bíblico: livro de gramática**. São Paulo: Vida, 2009.
- NICHOL, Francis D. (ed.). **Comentario bíblico adventista del septimo dia: Filipenses a Apocalipsis**. Tradução de Victor E. Ampuero Mata. Boise: Publicaciones Interamericanas, 1990.
- PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. **The Wycliffe Bible Commentary: New Testament (1 Jn 1:1)**. Chicago: Moody Press, 1962.
- SCHREINER, Josef; DAUTZENBERG, Gerhard. **Forma e exigências do Novo Testamento**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Hagnos, 2008.
- SMALLEY, Stephen S. **Word Biblical Commentary: 1,2,3 John**. Dallas: Word Inc., 2002. v. 51.

SOUZA, A. C.; SILVA, D S.; SOUZA, J. C.; MANZO, C. G. M. O crime de Gibeá a luz de sua correlação com Sodoma: exegese bíblica e intertextualidade. **Práxis Teológica**, v. 16, n. 1, p. e1581, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2020v16n1.e1581>.

SPENCE, Henry Donald Maurice; EXELL, Joseph Samuel. **The Pulpit Commentary**. London, New York: Funk & Wagnalls Company, 1913.

STOTT, John R. W.; OLIVETTI, Odayr. **As Epístolas de João**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1982.

TENNEY, Merrill C.; WHITE, William. **Novo Testamento**: sua origem e análise. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1972.

TOGNINI, Eneas; BENTES, João Marques. **Janelas para o Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2009.

VINCENT, Marvin R. **Word studies in the New Testament**. Bellingham: Logos Research Systems Inc., 2002.

WALLACE, Daniel B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. Tradução de Roque Nascimento Albuquerque. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.

WUEST, Kenneth S. **Wuest's word studies from the Greek New Testament**: For the English reader. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1997.